

# VIAGENS E DIPLOMACIA

OLHARES DE EÇA DE QUEIRÓS  
SOBRE O MUNDO

MARIAGRAZIA RUSSO  
MARIA HELENA SANTANA  
ANA TERESA PEIXINHO  
MARIA SERENA FELICI  
COORD.

ijú

José Maria Eça de Queirós (1845-1900), além de ser um dos maiores escritores de língua portuguesa, foi diplomata e protagonista de algumas importantes jornadas por vários países. Estas viagens, bem como a atividade consular (em Cuba, Inglaterra e França), entram na sua ficção e nos seus textos de imprensa sob diversas formas, fixando imagens do mundo que são analisadas nos ensaios que compõem este volume.



I N V E S T I G A Ç Ã O

U|I

**EDIÇÃO**

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Email: imprensa@uc.pt  
URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)  
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

**COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Imprensa da Universidade de Coimbra

**CONCEÇÃO GRÁFICA**

Imprensa da Universidade de Coimbra

**IMAGEM DA CAPA**

Eça no jardim da casa de Neuilly, Paris – c. 1893 (estilizada)  
(Foto da Fundação Eça de Queiroz)

**INFOGRAFIA**

Mickael Silva

**EXECUÇÃO GRÁFICA**

Uniarte Gráfica

**ISBN**

978-989-26-2560-7

**ISBN DIGITAL**

978-989-26-2561-4

**DOI**

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2561-4>

**DEPÓSITO LEGAL**

532111/24

**OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE**



Esta obra é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00759/2020 e UIDP/00759/2020.

# VIAGENS E DIPLOMACIA

OLHARES DE EÇA DE QUEIRÓS  
SOBRE O MUNDO

MARIAGRAZIA RUSSO  
MARIA HELENA SANTANA  
ANA TERESA PEIXINHO  
MARIA SERENA FELICI  
COORD.

**ORGANIZADORAS**

Mariagrazia Russo  
Maria Helena Santana  
Ana Teresa Peixinho  
Maria Serena Felici

**COMISSÃO CIENTÍFICA**

Ada Milani | Università degli Studi di Firenze  
Ana Luísa Vilela | Universidade de Évora  
Ana Paula Arnaut | Universidade de Coimbra  
Andrea Ragusa | Università degli Studi di Parma  
Barbara Gori | Università di Padova  
Carlos Reis | Universidade de Coimbra  
Elisa Alberani | Università degli Studi di Milano Statale  
Enrico Martines | Università degli Studi di Parma  
Fátima Marinho | Universidade do Porto  
Giorgio de Marchis | Università Roma Tre  
Isabel Pires de Lima | Universidade do Porto  
Luígia De Crescenzo | Università Roma Tre  
Maria do Rosário Cunha | Universidade Aberta  
Maria Eduarda Borges dos Santos | Instituto Politécnico de Portalegre  
Maria João Simões | Universidade de Coimbra  
Simone Celani | Sapienza Università di Roma  
Vincenzo Arsillo | Università degli Studi di Napoli Orientale

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| Introdução.....  | 7          |
| <i>Mariagrazia Russo, Maria Helena Santana, Ana Teresa Peixinho,<br/>Maria Serena Felici</i>                         |            |
| Eça de Queirós ou o escritor como diplomata.....   | 13         |
| <i>Carlos Reis</i>   |            |
| <b>Parte I — Eça e a diplomacia.....</b>   | <b>33</b>  |
| Documentos privados de Eça diplomata na experiência cubana:<br>abordagem para um <i>corpus</i> literário.....        | 35         |
| <i>Mariagrazia Russo</i>   |            |
| A vingança do cônsul: representações ficcionais<br>da diplomacia e da política na obra<br>de Eça de Queirós .....    | 57         |
| <i>Antônio Apolinário Lourenço</i>   |            |
| Algumas farpas sobre a diplomacia e as correspondências<br>de Eça de Queirós, cônsul português em Havana, Cuba ..... | 79         |
| <i>Antonio Augusto Nery</i>  |            |
| Alcuni aspetti dell'attività diplomatica di Eça attraverso<br>i documenti della Fondazione.....                      | 93         |
| <i>Alessandra Semeraro</i>   |            |
| <b>Parte II — Viagem e alteridade.....</b>   | <b>121</b> |
| Carateres nacionais vistos por Eça de Queirós .....  | 123        |
| <i>Maria Helena Santana</i>  |            |
| Viagens e relativismo cultural em Eça de Queirós.....  | 141        |
| <i>Helder Garmes</i>   |            |

|   |            |
|---|------------|
| Da fenomenologia da percepção na ficção queirosiana.....  | 163        |
| <i>Annabela Rita</i>  |            |
| Aos pés pequeninos da generala: o meio diplomático<br>e a construção das personagens n' <i>O Mandarim</i> .....               | 175        |
| <i>Matteo Rei</i>   |            |
| Orientes queirosianos .....   | 187        |
| <i>Michela Graziani</i>   |            |
| <b>Parte III — Escrita errante .....</b>  | <b>211</b> |
| De «Sir Galahad» a «Um poeta lírico».   |            |
| Génese de uma poética de migrante .....   | 213        |
| <i>Orlando Grossegeese</i>  |            |
| <i>Cartas de Londres para A Atualidade:</i>   |            |
| desafios de uma edição crítica.....   | 231        |
| <i>Ana Teresa Peixinho</i>  |            |
| Mecanismos de ênfase e figuras de estilo em dois textos<br>jornalísticos da <i>Gazeta de Notícias</i> do Rio de Janeiro ..... | 249        |
| <i>Maria Serena Felici</i>  |            |
| "Bala, metralha e bomba. O fogo sobre Alexandria<br>segundo Eça de Queirós .....  | 269        |
| <i>Patricia Cardoso</i>   |            |
| <b>Notas biobibliográficas .....</b>  | <b>283</b> |

## INTRODUÇÃO

Em novembro de 2021, a Cátedra Camões «Vasco da Gama» da Università degli Studi Internazionali di Roma - UNINT organizou, em parceria com o Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, o colóquio internacional *Eça de Queirós: viagens e diplomacia. Um olhar sobre o mundo*, que reuniu queirosianos e queirosianas de diferentes geografias. A diversidade, a novidade e a qualidade das intervenções, mas também a atualidade de muitas das abordagens, levaram a organização a ponderar uma publicação. Dois anos depois, é este, pois, o resultado desse encontro científico.

Num tempo em que viajar tinha uma importância bem diversa da que tem nos nossos dias, Eça de Queirós foi um privilegiado, já que as viagens são parte considerável da sua vida e tiveram impacto indelével na sua escrita, no seu modo de ver o mundo, no imaginário de muitas das suas personagens e na forma como representou o outro nas suas diferenças e particularidades. Se a carreira profissional de cônsul, iniciada em 1872, o levou a diferentes paragens – de Havana a Paris, passando por Newcastle e Bristol –, cedo, porém, manifestou um certo fascínio pela viagem. Recorde-se que, ainda muito jovem, em 1867, à frente de um jornal local de Évora, escolheu traduzir alguns capítulos de *Le Voyage en Italie* de Hippolyte Taine (Queirós, 2019) para o folhetim «Leituras Modernas». Ainda no *Distrito de Évora*, na secção «Comédia Moderna», esboça o perfil de uma personagem, Manuel Eduardo, que a crítica tem lido como um proto-Fradique (Delille,

1984; Serrão, 1985; Simões, 1980) e que tinha como característica um peculiar gosto por viagens.

A viagem perpassa toda a sua ficção, quer em termos temáticos quer simbólicos, como sucede em *A Relíquia*, *O Mandarin*, *Os Maias*, *A Ilustre Casa de Ramires* ou *A Cidade e as Serras*; é também um ingrediente narrativo indispensável, e um distintivo social de muitas das figuras que povoam os seus universos ficcionais. O típico viajante burguês (como Basílio) que percorre os lugares turísticos da moda – Paris, Itália ou o Médio Oriente exótico – não se confunde com o aristocrata Fradique Mendes, um cidadão do mundo, cuja curiosidade intelectual o conduz a destinos tão insólitos como a Islândia, o Sahara, a Abissínia, a Pérsia, a Sibéria ou a Patagónia; e nem o falso peregrino d'*A Relíquia* nem o emigrante aventureiro que encontra no Cairo (Alpedrinha) se assemelham ao colono de luvas brancas (Gonçalo Mendes Ramires) que procura em Moçambique a salvação financeira e anímica de uma nobreza arruinada. Também os cosmopolitas deprimidos viajam por terapia: Carlos da Maia vai curar as mágoas de Lisboa a Nova Iorque, à China e ao Japão, até se fixar em Paris; e da «capital do espírito» foge o sofisticado Jacinto, para se regenerar nas serras portuguesas.

Para quem não pode viajar, o jornal constitui uma forma alternativa de conhecer o mundo. Eça sabia-o e, a par da produção literária, sempre colaborou em periódicos portugueses e brasileiros como correspondente do «estrangeiro». Muitos desses textos oferecem efetivamente notáveis crónicas de costumes e de culturas, quer se trate de relatos de viagem (ao Egito, por exemplo), quer de povos e lugares imaginados (Rússia, China ou Sião), quer ainda de instantâneos colhidos *in loco*, como um *meeting* inglês ou uma praia francesa.

Acresce a estes aspetos o culto do modo discursivo epistolar, que ocupa um significativo espaço quer na sua escrita privada (Queirós, 1983), quer na pública (Queirós, 2009), sendo também um expediente narrativo nos enredos da sua ficção romanesca (Pires

de Lima, 2000). De facto, trata-se de um recurso que, embora mais largamente representado nos grandes romances da maturidade, surge nos primeiros textos publicados na *Gazeta de Portugal* (Queirós, 2004; Queirós, 2009; Queirós, 2009a) nos quais o então jovem Eça revelava já uma tendência para colonizar as suas narrativas com fragmentos textuais de cartas, bilhetes, notas pessoais, trocadas pelas personagens, em situações narrativas muito diversificadas e com diferentes funcionalidades. Quase todas as ficções do escritor – salvo raras exceções – contêm inúmeros fragmentos desta natureza.

É precisamente a leitura da sua correspondência que permite definir Eça como um itinerante: Eça nunca se fixou. Se é certo que tal se deveu à vida profissional, que o conduziu a quatro consulados diferentes (Havana (1874/75), Newcastle (1877), Bristol (1878-1888) e Paris (1888-1900), obrigando-o a viver fora de Portugal a maior parte da sua vida, também é importante dizer-se que, mesmo em funções, eram frequentes os períodos de ausência, fosse para vir ao país tratar de pendências familiares, fosse para intervalos de repouso em estâncias balneares francesas. Estas constantes e prolongadas ausências para fora da área consular resultaram, na opinião de Calvet de Magalhães, «numa situação anómala para um cônsul de carreira sujeito, em princípio, a certas normas regulamentares que não admitiam uma tão ampla liberdade» (Magalhães, 2000, p. 17). Desde que, em 1869, a convite do amigo e futuro cunhado Conde de Resende, viajou até ao Médio Oriente, para assistir à inauguração do Canal do Suez – experiência que este biógrafo de Eça considera determinante na mundividência e na definição do futuro escritor – Eça de Queirós não mais deixou de viajar: depois do Egipto, Palestina, Alta Síria, conheceu a América do Norte – Cuba e os Estados Unidos; viveu largos anos em Inglaterra e em França e visitou de passagem alguns outros países europeus. E são estas vivências que dão mundo a Eça e que muito contribuíram para o seu humanismo, tendo dele feito um escritor universal.

O texto de abertura deste livro, da autoria de Carlos Reis, constitui um mapa de leitura que permite desenhar diversos percursos através do universo da diplomacia queirosiana. Intitulado «Eça de Queirós ou o escritor como diplomata», o que se sugere neste ensaio é uma abordagem original à faceta do Eça cônsul. Vale a pena citarmos o professor da Universidade de Coimbra, figura ímpar no universo dos Estudos Queirosianos:

Mesmo quando, para mim, parece estar em causa o Eça cônsul, como num livro que publiquei há alguns anos, o que realmente chama a minha atenção é o diálogo do escritor com o tempo e com o espaço literário e cultural que a deambulação profissional propiciou.

Estas palavras contêm em si todo um programa, permitindo antever que o tema deste livro e, antes dele, do colóquio que lhe deu origem, é suficientemente rico para consentir leituras muito diversas, das mais biografistas às histórico-críticas, das políticas às estilísticas.

Assim, organiza-se este volume em três partes. A primeira parte, intitulada «Eça e a diplomacia», acolhe quatro estudos sobre a faceta profissional de Eça. Mariagrazia Russo centra-se na experiência cubana de Eça, o seu primeiro posto consular, para analisar documentação privada e diplomática do Arquivo da Fundação Eça de Queiroz, relacionando-a com dispositivos narrativos do romance *O Primo Basílio*. Esta documentação é também objeto de estudo de um outro capítulo, da autoria de Alessandra Semeraro, analisando aspetos da vivência de Eça pelos diversos postos que ocupou ao longo da carreira consular. Os capítulos segundo e terceiro desta primeira parte, em clave ensaística, refletem sobre a representação literária do universo da diplomacia. António Apolinário Lourenço revisita a ficção queirosiana, realçando a crítica à incompetência

da administração pública portuguesa e aos detentores de cargos diplomáticos de outros países. António Augusto Nery dedica o seu estudo à representação da diplomacia n'*As Farpas*, comparando a primeira edição de 1871 com a edição de *Uma Campanha Alegre*.

A segunda parte deste volume, intitulada «Viagem e alteridade», contém cinco capítulos que abordam o tópico plurifacetado das viagens na escrita queirosiana. O capítulo de Maria Helena Santana trabalha as imagens de Inglaterra e França, países onde o escritor viveu e trabalhou, enquadradas no contexto 'estrangeirado' do autor. Já Helder Garmes passa em revista os textos ficcionais e não ficcionais de Eça, com vista a demonstrar que a experiência da viagem permitiu ao autor de *Os Maias* relativizar a visão eurocêntrica do mundo. O capítulo da autoria de Annabela Rita, adotando uma perspetiva diferente, aborda a «fenomenologia da perceção» na narrativa queirosiana. Já Matteo Rei dedica o seu texto ao estudo de *O Mandarim*, focando-se na descrição de ambientes e na construção de personagens que ilustram o universo da diplomacia. A fechar esta secção, o texto de Michela Graziani foca-se nas imagens do Oriente na ficção queirosiana, contrastando-as com as de outros autores contemporâneos.

A terceira e última parte do livro, «Escrita errante», reúne quatro capítulos que, embora muito diversos nas suas temáticas e abordagens, têm como aspeto unificador a errância da escrita. Orlando Grossegeesse problematiza o diálogo paródico entre o conto «Um poeta lírico» de 1880, e *Idylls of the King* de Alfred Tennyson, que resulta numa projeção das frustrações do próprio Eça, como escritor 'exilado'. Já Ana Teresa Peixinho trabalha as *Cartas de Londres*, publicadas na década de 70 no jornal portuense *A Atualidade*, explicando os principais desafios da edição crítica destes textos e realçando a sua importância na compreensão da visão que Eça tinha da geopolítica europeia, que interpretava sobretudo pela leitura da imprensa inglesa. Também Maria Serena Felici dedica o seu capítulo a textos de imprensa do

autor, analisando o estilo de Eça em duas crónicas publicadas na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, jornal com que manteve uma longa e assídua colaboração. O último capítulo da obra, da autoria de Patrícia Cardoso, sugere uma interessante comparação entre o estilo e linguagem de Eça nos textos jornalísticos e ficcionais.

O que a leitura destes estudos, agora reunidos em livro, permite compreender é o impacto das viagens e da atividade diplomática na produção literária e jornalística do grande escritor português, numa experiência do mundo finissecular que está provavelmente na base da sua visão do mundo – e das várias facetas que ela adquire.

**EÇA DE QUEIRÓS**  
**OU O ESCRITOR COMO DIPLOMATA**  
**EÇA DE QUEIRÓS**  
**OR THE WRITER AS A DIPLOMAT**

Carlos Reis

Universidade de Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa

ORCID: 0000-0001-6492-3486

1. Abordo a temática sugerida pelo meu título com uma cautela determinada pelos riscos que, para mim, envolvem a condição de Eça de Queirós como diplomata, no tocante à sua projeção no âmbito dos estudos queirosianos. Explico-me: correspondendo à atividade profissional do grande escritor durante praticamente toda a sua vida, as funções que, em diversos locais, exerceu como cônsul de Portugal remetem para a sua biografia e, nela, para a forma como interpretou a referida atividade profissional. Tal como outros escritores e intelectuais coevos – menciono de memória: Abel Botelho, António Feijó, Guerra Junqueiro e Jaime Batalha Reis<sup>1</sup> –, também Eça calcorreou o mundo, logo depois de, por concurso, ingressar

---

<sup>1</sup> Com este último, Eça manteve, desde os anos do Cenáculo da Travessa do Guarda-Mor, uma amizade e uma camaradagem intelectual que estão bem atestadas não só na correspondência que ambos mantiveram (cf. Reis, 1966), mas também no volume *Alguns homens de meu tempo e outras memórias de Jaime Batalha Reis* (cf. Miné, 2017).

na carreira consular. Desde já, não são os incidentes biográficos desse trânsito que aqui estarão em causa. Ou então, para melhor me explicar, digo que não me interessa o cônsul Eça de Queirós que também escrevia romances e contos, mas antes o escritor que era cônsul, como outros são ou foram médicos, engenheiros, advogados, professores ou outra coisa, se não se dedicam, como hoje acontece (mas essa é outra história), à vida literária em exclusivo.

Mesmo quando, para mim, parece estar em causa o Eça cônsul, como num livro que publiquei há alguns anos, o que realmente chama a minha atenção é o diálogo do escritor com o tempo e com o espaço literário e cultural que a deambulação profissional propiciou. E assim, o Eça cônsul em Paris é o escritor do fim de século que « bénéficie à coup sûr de l'oxygène intellectuel que la vie culturelle parisienne lui insuffle, quelque repliée et familiale qu'ait pu être son existence pendant les années passées dans la capitale française ». Mais:

De cette existence n'avait nullement disparu la connaissance attentive de mouvements artistiques et de courants de pensée en perpétuelle mutation ; une connaissance qui lui permettait de respirer très au-dessus des horizons étroits de sa patrie, avec laquelle il maintint toute sa vie une relation critique complexe – mais jamais d'indifférence ou de mépris. (Reis, 1997, p. 122)

De modo um tanto linear, poderia dizer-se que *A Cidade e as Serras*, algumas cartas de Fradique Mendes e muitas crónicas são o resultado do conhecimento da Paris finissecular, pelo chamado último Eça. Esse conhecimento foi propiciado, naturalmente, pela colocação do escritor no posto consular da capital francesa, uma colocação que Eça sempre desejou (voltarei a este assunto).

2. Quando afirmo que o Eça diplomata pode motivar uma abordagem biografista que não está no meu horizonte de trabalho, não ignoro

que este é um domínio que, desde há muito, suscitou a atenção de diversos estudiosos e mesmo de um cineasta<sup>2</sup>. A par disso, um outro aspeto (inquestionavelmente mais interessante) do labor diplomático queirosiano é o que respeita aos documentos que, por dever de ofício, dele resultaram, designadamente correspondência consular e relatórios. Remeto aqui, ilustrando o veio biográfico, para estudos de Archer de Lima e de Mário Duarte e também para uma edição de cartas por A. Campos Matos, estas últimas de muito escassa (ou nula) relevância para os estudos queirosianos (cf. respetivamente: Lima, s.d.; Duarte, 1973; Campos Matos (Ed.), 1998). De feição diferente e mais conseqüentes são os contributos de Raul Rego, de J. Palminha Silva e de Alan Freeland, tendo em vista documentos referentes a questões sociais, políticas e económicas (cf. Queirós, 1979; Silva, 1981; Queirós, 1994).

A título de exemplo: quando analisa o (hoje muito pertinente) tema da emigração, o cônsul Eça de Queirós vai além do estrito registo do relatório e deixa transparecer um pensamento de tipo evolucionista e economicista, enformado pela matriz liberal que a época justificava:

Perante a emigração qual deve ser a atitude dos Governos – ? –  
Evidentemente uma simples interferência policial.

O Governo não deve provocá-la nem proibi-la. A emigração é uma lei económica, e como tal tem de ser abandonada à sua evolução natural. Acelerá-la é perigoso: reprimi-la é inútil. O dever portanto é policiá-la. Todos os governos que têm provocado a emigração, têm criado involuntariamente miséria; todos os governos que a têm proibido têm organizado legalmente a desobediência. (Rego, 1979, p. 113)

3. O escritor Eça de Queirós que conhece a experiência da diplomacia projeta em motivos e em estratégias de escrita, mesmo

---

<sup>2</sup> Refiro-me a uma recente série de televisão, com realização de Francisco Manso, e ao filme a que ela deu lugar, *O nosso cônsul em Havana* (2019-20).

que enviesadamente, alguma coisa daquela experiência. Contudo, as dominantes representacionais que a modelizam não dependem exclusivamente da vivência do cônsul, já que, aquém e além dessa condição e das suas exigências, Eça protagonizou, durante toda a vida, uma espécie de impulso para a viagem.

Foi esse impulso que dele fez um cidadão do mundo, fundando talvez a vocação para a vida diplomática e não o contrário. Desde cedo, Eça viaja pelo Egito e pela Palestina, passa em Malta, vive em Cuba e vai aos Estados Unidos e ao Canadá; além disso, transita várias vezes por Espanha e conhece a Inglaterra e a França, sendo certo que uma parte importante desta deambulação pelo mundo era-lhe exigida pela profissão. Justamente: Eça falou na sua tendência para a deambulação pelo mundo, quando, em tom memorialístico, recordou o tempo ainda juvenil das opções profissionais e o que elas trouxeram consigo:

Fomos a concursos. Antero, esse, encontrara Oliveira Martins que era um pensador, e José Fontana que era um agitador; e ardentemente penetrara no Movimento Socialista, então iniciado em Lisboa com os fervores e os segredos poéticos duma religião. (...)

Eu não fui testemunha dessa sua vida militante. Por meu turno partira, a percorrer os mundos deste mundo, dos velhíssimos aos novíssimos, da magoada Jerusalém à estridente Chicago. (Queirós, 2011, p. 307)

Note-se que a opção que leva a «percorrer os mundos deste mundo» inclui o olhar do *touriste*, como então se dizia. Um olhar culto e refinadamente crítico, desejoso de conhecer outras culturas, com um sentido de exigência muito superior ao do turista massificado e consumista do nosso tempo<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Foi o impulso para conhecer o *outro* (como hoje dizemos) que Eça realçou no seu amigo Eduardo Prado, também ele um viajante persistente: «Prado (...) desejou

Em função do que fica dito, falo em três tipos de prática escritural queirosiana, traduzindo o culto de uma certa epistemologia da observação, em direta relação com os trajetos do diplomata e do *touriste* e com a vocação para a representação de costumes e de tipos: primeiro, a narrativa de viagem propriamente dita e as suas derivas ficcionais, como é o caso das notas conhecidas na tradição impressa pelo título *O Egito* (de publicação póstuma muito imperfeita, em 1926), de quatro artigos em tom cronístico, surgidos no *Diário de Notícias*, em 1870, e do romance *A Relíquia* (1887); segundo, a carta, também ela eventualmente tocada pelo estilo do relato de viagem, de que é exemplo muito significativo aquela que o jovem Eça endereçou a Ramalho Ortigão, quando de uma viagem aos Estados Unidos e ao Canadá, em 1873 (voltarei a esta carta); terceiro, a figuração de personagens, deixando perceber que o diplomata e o viajante que nele habita passam ao estágio superior do labor ficcional e literário, em contextos narrativos alargados.

Nesses amplos contextos narrativos emergem figuras hipoteticamente provindas da circulação do escritor por ambientes que a função consular determinava. Importa, contudo, ter em conta o seguinte: ao configurar um mundo narrativo e um certo tipo de personagem (por exemplo, o diplomata), Eça interpela o seu leitor e desafia nele atitudes percetivas, reações cognitivas e, em geral, um processo de re-conhecimento de um universo e de tipos que aquelas atitudes e reações ajudam a conformar<sup>4</sup>.

---

penetrar, penetrou no viver dos homens e no organismo das sociedades. E, pela força dessa simpatia, não resvalou no erro hereditário de viajantes muito ilustres e muito doutos – não desdenhou nunca costumes ou ideias simplesmente porque eles divergiam do tipo genérico e mediano da civilização francesa, em que o seu espírito crescera e se formara.» (Queirós, 2005, p. 122). Recentemente, foi publicada, pela editora Quetzal, uma seleção de textos de diversa natureza, subordinados ao motivo da viagem: *Outras Paragens. Uma Pequena Antologia de Eça de Queirós* (2021).

<sup>4</sup> Baseio-me aqui na noção de que «a composição de um mundo narrativo decorre da conjugação de vários componentes: personagens e objetos existentes, espaços de localização, valores e regras sociais, acontecimentos e suas causas, leis físicas e

4. A personagem Steinbroken, d'*Os Maias*, representa, com toda a evidência, os comportamentos, os discursos e a mentalidade de um certo tipo de diplomata. Para mais, Steinbroken traz consigo modos de ser e de proceder em que avultam a formalidade de gestos e alguma frieza, usualmente atribuídas aos povos nórdicos. Eça nem precisou de viajar para os países escandinavos para ter a percepção, até mesmo em colegas que terá conhecido, daqueles atributos.

Lembremos sumariamente quem é esta figura e como ela se insere no mundo narrativo d'*Os Maias*. Anunciado como ministro da Finlândia<sup>5</sup> e frequentador dos serões do Ramalhete, Steinbroken constitui um bom exemplo daquilo a que usualmente (e há muito) chamamos personagem plana. Repetindo em cada aparecimento as mesmas expressões banais e os mesmos tiques comportamentais, o diplomata finlandês exibe um «olhar azul-claro, claro e frio, que tinha no fundo da sua miopia a dureza de um metal» (Queirós, 2017, p. 163). A dureza e a frieza conjugam-se com a rigidez das poses e com a preocupação obsessiva relativamente à dignidade de diplomata, ao que se junta a neutralidade em matéria política<sup>6</sup>. O discurso repetitivo da personagem confirma estes atributos («C'est très grave, murmurou ele, parando,

---

eventos mentais entendidos como 'os mundos das crenças, dos desejos, dos medos, dos objetivos, dos planos e das obrigações das personagens' (Ryan, 2014, p. 37)» (Reis, 2018, p. 273).

<sup>5</sup> A designação ministro (ou ministro plenipotenciário) correspondia, na época, àquilo a que atualmente chamamos embaixador. Note-se que, no texto d'*Os Maias*, tal como o lemos na edição crítica aqui adotada, Finlândia escreve-se Filândia, uma grafia de época ajustada à que era, provavelmente, a pronúncia de então. Note-se que, no tempo em que decorre a ação d'*Os Maias*, a Finlândia não era um país independente, mas um Grão-Ducado subordinado ao Império Russo, ainda que gozando de ampla autonomia.

<sup>6</sup> Repare-se neste episódio, contado por Carlos da Maia a João da Ega: «Quería-nos alugar umas cocheiras e complicou esta simples transação com tantas finuras diplomáticas, tantos documentos, tantas cousas com o selo real da Filândia, que o pobre Vilaça aturdido, para se desembaraçar, remeteu-o ao avô. O avô, desnorteado também, ofereceu-lhe as cocheiras de graça. Steinbroken considera isto um serviço feito ao rei da Filândia, à Filândia, vai visitar o avô, em grande estado, com o secretário da Legação, o cônsul, o vice-cônsul...» (Queirós, 2017, p. 153)

com um pavor vago no olhar azulado... C'est excessivement grave!» Queirós, 2017, p. 239), em sintonia com uma certa tendência para o alheamento ou abstração em relação ao que o rodeava.

Um breve episódio, estruturado por um magistral recurso ao relativismo da focalização individual, dá nota expressiva do modo de ser de quem parece viver num mundo à parte. É quando Carlos da Maia, justamente acompanhado pelo amigo Steinbroken, vê Maria Eduarda pela segunda vez, no Aterro; a fala monocórdica do finlandês, «sem ver nada», disserta sobre temas que, naquele momento, em nada interessavam a quem (Carlos), ouvindo o outro em fundo, tinha o olhar e a atenção concentrados na mulher que passa:

Insensivelmente [Carlos] deu um passo para a seguir. Ao seu lado Steinbroken, sem ver nada, estava achando Bismarck assustador. À maneira que ela se afastava, parecia-lhe maior, mais bela: e aquela imagem falsa e literária de uma deusa marchando pela terra prendia-se-lhe à imaginação. Steinbroken ficara aterrado com o discurso do chanceler no Reichstag... Sim, era bem uma deusa. (Queirós, 2017, p. 240)

Para que não haja ilusões: a figura de Steinbroken constitui, evidentemente, quase uma caricatura da diplomacia e do diplomata; mas, mais do que isso, essa caricatura sugere um juízo negativo sobre um país que muito bem servia para receber (e tolerar) um representante diplomático tão inócuo e tão vazio de ideias como aquele. Dizendo-o de outra forma: assemelhar-se-iam a Steinbroken os ministros que a Finlândia enviava, naquela época, para Paris ou para Londres?

Outras caricaturas de diplomatas ou de quem lhe está próximo perpassam na ficção queirosiana. Ainda n'Os *Maias*, a embaixatriz da Baviera aparece «empavoadá, com uma face maciça de matrona romana, a pele cheia de manchas cor de tomate, a estalar dentro dum

vestido de gorgorão azul com riscas brancas»; e logo atrás, «o barão, pequenino, amável, aos pulinhos, com um grande chapéu de palha» (Queirós, 2017, p. 344).

Já antes destes, o olhar e o relato de Teodoro, n' *O Mandarin*, haviam esboçado um retrato, em tom igualmente caricatural e com traços de zoomorfismo, do embaixador da Rússia em Pequim: aquele «membrudo figurão, de bigodes brancos», e que «ao canto do sofá, de braços cruzados, solene como numa poltrona do Congresso de Viena, dormia de boca aberta», esse figurão tem um «olho redondo de velho mocho» e um «nariz adunco de milhafre» (Queirós, 1993, pp. 133, 161 e 135). Para que dúvidas não restem: na sequência da mal sucedida busca da família do Mandarin, Teodoro transcreve uma carta do general russo, em que «ele aliava tão originalmente ao senso fino de um hábil de Chancelaria as caturrices picarescas de diplomata bufo!» (Queirós, 1993, pp. 178-179).

Com efeito, trata-se de um documento que fala por si, no tocante à frivolidade quase infantil que atinge a vida diplomática. Repare-se: um caso grave, «abominável e de consequências funestas» ocorrera quando a ministra da França, num jantar, dera «o braço, o seu descarnado braço, e a sua direita à mesa a um simples adido inglês»; por isso, acrescenta Camilloff, «esperamos instruções dos nossos governos» (Queirós, 1993, p. 179)<sup>7</sup>. A isto juntam-se, na mesma carta, os lamentos por não haver na embaixada russa uma padaria, «apesar de tantos relatórios, tantas reclamações que, sobre esse ponto, tenho feito para a chancelaria de S. Petersburgo!» Conclusão do severo embaixador, motivado pelo descaso da chancelaria: «Na corte imperial desatendem-se os mais sérios interesses da civilização russa!...» (Queirós, 1993, p. 181).

---

<sup>7</sup> O caricato «incidente» relatado por Camilloff suscita um comentário do chanceler da legação, cujos termos e entoação antecipam Steinboken: «Como diz Meriskoff, oscilando tristemente a cabeça – é grave... é muito grave!» (Queirós, 1992, p. 179).

5. Os condicionalismos da diplomacia, tal como Eça os viveu, envolviam contingências e mesmo limitações que chegaram a interferir na atividade literária do escritor. Não me refiro à sua circulação pelo mundo e nem mesmo ao facto de, jovem ainda, se ter expatriado, sendo sabido que o grande projeto queirosiano era a representação dos costumes e das mentalidades de uma sociedade (a portuguesa) da qual o romancista estava, afinal, fisicamente distante.

No tocante à deambulação pelo mundo – lembremos os postos consulares que Eça ocupou: Havana, Newcastle, Bristol e, por fim, Paris –, é preciso dizer que terá sido ela que deu a Eça a possibilidade de contactar com culturas, com cenários sociais e com modos de vida a que, no estreito horizonte doméstico, não teria acesso. Não especulo sobre os motivos mais fundos da vontade de partir, eventualmente o desejo de querer ir além do tal horizonte provincianamente doméstico, para ser um verdadeiro cidadão do mundo. Afirmo apenas que o facto de ter conhecido de perto e por tempo prolongado meios culturais dos mais refinados de então (designadamente, quando viveu na Inglaterra e na França<sup>8</sup>), esse facto não impediu o ficcionista de compor (e de forma magistral) o quadro dos costumes portugueses.

Deste modo, o escritor que era cônsul construiu um vasto universo ficcional, povoado por figuras e por episódios admiráveis de

---

<sup>8</sup> E, contudo, para Eça, viver no estrangeiro não foi propriamente um mar de rosas, como consta de vários testemunhos. Valha, por todos, a conhecida carta, de 8 de abril de 1878, a Ramalho Ortigão, em que o escritor se queixa amargamente do seu quotidiano em Newcastle e dos seus efeitos, em particular no plano psicológico e na sua projeção sobre a escrita literária. Por outro lado, as experiências de vida inglesa e francesa tiveram reflexos na ficção queirosiana (cf. Sousa, 2002), parecendo mais intenso e profundo do que por vezes se imagina o interesse que o escritor consagrou, a partir do seu conhecimento direto, à cultura britânica (cf. Coelho, 2010). Já em fim de vida literária, o Eça que vivia em Paris compôs, n' *A Cidade e as Serras*, uma arrasadora sátira das modas culturais e do meio social parisienses. Isto sem esquecermos que este Eça «estrangeirado» e diplomata colheu dessa condição a possibilidade de enriquecer a sua intensa e brilhante produção cronística (cf. Queirós, 1995; Queirós, 2002; Queirós, 2005).

sentido crítico, nunca e nem por sombras igualado por nenhum dos seus confrades de então, nem mesmo pelos dos nossos dias. Para o conseguir, superando a distância, Eça recorreu a três vias de contacto: as frequentes viagens a Portugal, com as dificuldades e com as demoras que então elas implicavam; as intensas ligações epistolares mantidas com amigos e com companheiros de geração que ficaram na pátria (Ramalho Ortigão e Oliveira Martins são, neste aspeto, nomes destacados); e sobretudo o recurso a uma intensa memória dos lugares vistos e revistos, das pessoas conhecidas e reconhecidas, memória às vezes acautelada por apontamentos tomados *in loco*<sup>9</sup>.

Mas as limitações sentidas pelo cônsul existiam mesmo. Deixando de lado as miudezas anedóticas da biografia (que, repito, não são para aqui chamadas), há acontecimentos com incidência literária que vale a pena visitar. O mais significativo deles é a tentativa abortada de escrever e publicar um relato que, com toda a evidência, caía no âmbito temático da decadência portuguesa, fulcro e centro nevrálgico da reflexão sobre Portugal protagonizada pela chamada Geração de 70<sup>10</sup>. Outros sentidos e motivos – como a ideia de patriotismo ou a ameaça da invasão espanhola, tão exuberantemente apregoada por João da Ega n’*Os Maias*<sup>11</sup> – devem ser associados ao projeto literário d’*A Batalha do Caia*.

O referido projeto e os seus contornos estão circunstanciadamente relatados em duas extensas cartas a Ramalho Ortigão, sendo

---

<sup>9</sup> O espólio de Eça conserva alguns desses apontamentos: veja-se o ms. 254, com a designação Avenida-Chiado, base de trabalho para a composição do episódio final d’*Os Maias* (cf. Reis e Milheiro, 1989, pp. 141-144).

<sup>10</sup> É ainda muito pertinente o estudo de António Machado Pires sobre o tema da decadência na Geração de 70 (cf. Pires, 1980).

<sup>11</sup> É no jantar do Hotel Central, no cap. VI, que Ega proclama: «– Portugal não necessita reformas, Cohen, Portugal o que precisa é a invasão espanhola.» Perante os protestos dos comensais, Ega suaviza a ameaça: «Não havia perigo; o que nos aconteceria, dada uma invasão, num momento de guerra europeia, seria levarmos uma sova tremenda, pagarmos uma grossa indemnização, perdermos uma ou duas províncias, ver talvez a Galiza estendida até ao Douro...» (Queirós, 2017, pp. 208-209).

evidente na segunda que, por causa deste assunto, Eça sofreu uma reprimenda por parte do amigo. O caso era que, ao congeminar uma história centrada na invasão de Portugal pelo exército espanhol, o escritor-cônsul sabia que estava a adentrar-se por matéria muito delicada, no plano político e até mesmo no deontológico. Uma prova disso mesmo: um colega diplomata, a quem Eça leu algumas partes do livro em preparação reagiu com pavor: «Estou a vê-lo, no meu sofá», diz-se na primeira carta a Ramalho, «com as mãos apertadas na cabeça, murmurando com um ar *azabumbado*: – *Que escândalo! Que escândalo!*» Mais ainda: «Despediu-se de mim, dizendo em tom lúgubre: – Queime *isso!* Queime *isso!*» (Queirós, 2008, pp. 212-213).

Conforme declara nesta carta a Ramalho Ortigão, com data de 10 de novembro de 1878, Eça sabia duas coisas: uma, que o escândalo renderia proventos («Além do escândalo – quero dinheiro. Se o *Primo Basílio* se vendeu – porque se não há de vender a *Batalha do Caia?*» (Queirós, 2008, p.212)); e uma segunda coisa: que sendo, como ele mesmo reconhecia, um «empregado do Governo» (e não um qualquer empregado, acrescento), Eça precisava de assegurar a tolerância do poder político. Andrade Corvo era então ministro dos Negócios Estrangeiros<sup>12</sup> e, como tal, o seu máximo superior hierárquico; daí o pedido para que Ramalho obtivesse, junto do ministro, uma de duas coisas: ou tolerância para a publicação do livro, ou uma compensação financeira, para que ele ficasse na gaveta. Tratava-se, em suma, de sugerir a um político que recompensasse o silêncio de um escritor que, como diplomata, dependia dele. Foi isto que provocou a justificada indignação de Ramalho, tal como se depreende da carta de 28 de novembro.

---

<sup>12</sup> João de Andrade Corvo (1824-1890), importante político da época da Regeneração, tinha formação técnica, mas foi também romancista (*Um Ano na Corte*, 1850-51) e jornalista. Ocupou a pasta dos Negócios Estrangeiros por várias vezes, a última das quais de 9 de janeiro de 1878 a 1 de junho de 1879.

Sem se desvalorizar o juízo moral que os argumentos e as propostas de Eça merecem, o que importa agora sublinhar é o seguinte: o princípio da autonomia da arte, da literatura e do pensamento crítico em relação aos poderes instituídos implicava riscos, pelo menos desde a proibição das Conferências do Casino, uma punição que recaiu sobre Eça (ainda não cônsul) e sobre os seus companheiros de geração. Poucos anos depois, um escritor que, já então, era cônsul refreava e negociava os seus impulsos literários e críticos, por causa da sua condição profissional e das obrigações por ela impostas. Mas não escapava a um dilema: a prudência do cônsul, que obrigava cuidar dos riscos políticos da publicação, contrapunha-se à ousadia do escritor e à sua apetência por um tema tentador. Palavras de Eça:

*Ma pensée intime* é esta: que o livro (...) é, por um lado, inoportuno, por outro um ataque de folha em folha à vizinha Espanha: e serve portanto apenas para criar irritação. Por isso era melhor talvez que se não publicasse (...) Por outro lado – perder tais episódios literários? Oh menino! Pois não poderei eu dar à publicidade uma descrição de Lisboa em anarquia: as igrejas cheias de mulheres aflitas, as improvisações dos batalhões voluntários, os Bancos quebrando, a falta de trabalho organizando insurreições diárias, o pânico na secretaria, o burguês da Baixa em presença da catástrofe? (Queirós, 2008, p. 214)

A palavra «catástrofe» não é, no contexto em que aqui surge, descabida nem inconsequente. Com efeito, tendo ainda replicado a Ramalho, na tal segunda carta<sup>13</sup>, Eça desistiu d'*A Batalha do Caia*,

---

<sup>13</sup> Nela, Eça procura justificar-se perante o amigo, apoiando-se no exemplo (ou mau exemplo...) de outros escritores em situação semelhante. O que para aqui importa, entretanto, são os constrangimentos deduzidos da convivência do cônsul com o escritor: «O meu caso é simplesmente um *excesso de cautela*: eu produzi uma obra de arte, sendo

mas não deixou cair o tema da invasão, embora tenha retirado da cena o exército espanhol. E assim, num conto que tem como título *A Catástrofe*, relata-se a ocupação de Portugal por uma potência estrangeira e a decorrente submissão do país à tutela dessa potência que, entretanto, não é identificada no texto. De qualquer modo, também esta segunda incursão pela mesma temática d'*A Batalha do Caia* ficou inédita<sup>14</sup>, integrando o amplo rol dos textos sujeitos àquilo a que já chamei os silêncios de Eça (cf. Reis, 2002).

6. Em setembro de 1888, Eça de Queirós toma posse do lugar de cônsul de Portugal em Paris, sendo então embaixador o conde de Valbom. Trata-se de uma colocação que convinha ao funcionário diplomático, mas mais ainda ao escritor que ambicionava viver naquele que era, na época, o centro da vida cultural da Europa e mesmo do mundo.

A precedência dos interesses do escritor e não os do cônsul percebe-se bem na correspondência queirosiana da época, designadamente numa carta a Oliveira Martins, de 18 de agosto de 1888; nela, Eça argumenta: «Em Paris as minhas imediatas relações de literatura e de imprensa não seriam talvez de pequena valia». Depois, vem a motivação principal para a transferência (à custa, é claro, da remoção do anterior cônsul): a publicação de uma revista ainda em projeto e que viria a ser a *Revista de Portugal*. Palavras de Eça, na carta ao amigo:

Por enquanto basta dizer que, além de todos os motivos que sempre tive para desejar Paris – tenho este a mais; porque, mesmo que a impressão da *Revista* passasse para Portugal, para simplificar, *une grande partie de sa cuisine devrait toujours être faite à Paris*. (Queirós, 2008, p. 571)

---

Cônsul e Escritor: como Cônsul (...) pretendo obter de S. Ex<sup>a</sup> [Andrade Corvo] a certeza de que depois da publicação não serei incomodado (...).» (Queirós, 2008, pp. 216-217).

<sup>14</sup> O conto *A Catástrofe* integra o volume *Contos II*, editado por Marie-Hélène Piwnik, que analisou o manuscrito e a sua fortuna editorial (cf. Queirós, 2003, pp. 17-34).

Sendo explícita quanto aos seus propósitos, esta carta (tal como as outras que citei) mostra também a importância da epistolografia queirosiana na representação das tensões entre, por assim dizer, os interesses do escritor e a condição do cônsul.

De certa forma, já passámos aqui por isto, quando me referi brevemente ao formato de carta (a Ramalho Ortigão) que Eça escolheu, logo em julho de 1873, para contar as suas impressões do que viu nos Estados Unidos e no Canadá. O seu testemunho, incluindo abundantes elementos de ordem social e económica, é o de um viajante-turista que então era cônsul em Havana; todavia, o texto exhibe modulações estilísticas e dispositivos narrativos que vão muito além de um anódino relatório e anunciam o romancista a vir, tentando já esboços de personagens e cuidadas descrições de cenários. Por exemplo, a das cataratas do Niágara, uma descrição que, diferentemente do que se leria num «compêndio de geografia»<sup>15</sup>, cultiva um registo em que surgem conjugados os motivos do *locus amœnus* e do *locus horrendus*:

A paisagem infinitamente doce, vasta e plana das margens daquele rio sagrado na religião dos índios, o mesmo facto da queda do rio – aspeto horroroso e singularmente cativante – a beleza divina das pequenas ilhas que estão justamente no ponto em que o vasto rio cai na largura de duas milhas (!) pequenas ilhas cheias de bosques de flores, de sombras de graça e de claridade, no meio da demência pavorosa da Queda – tudo aquilo – me fez passar uns dias excessivamente nervosos e romanescos (...). (Queirós, 2008, p. 84)

---

<sup>15</sup> Alude-se na carta ao *Compêndio de Geografia* (1852), de João Félix Pereira, obra didática amplamente reeditada (em 1883 ia na 12.<sup>a</sup> edição). Eça e Ramalho conheciam bem o autor, que é referido em tom satírico numa d'As *Farpas* (julho de 1871), a propósito do seu livro *Preceitos de Civilidade* (1856).

A meu ver, encontra-se numa carta a Oliveira Martins, de 19 de setembro de 1888, a mais exuberante manifestação do recurso ao género epistolar não apenas para resolver questões práticas, mas para que o escritor proceda à mediação narrativa e, de certa forma, à sublimação das crises da vida do diplomata. Está em causa nela já não a ida do cônsul para Paris (apoiada em diligências feitas por Eça junto de amigos influentes), mas, literalmente, a ocupação das instalações do consulado<sup>16</sup>.

Duas observações que esta carta merece, desde já. Primeira: ela tem uma versão resumida, concretamente uma outra carta dirigida a Mariano Pina e datada do mesmo dia em que Eça escreveu a Martins<sup>17</sup>; nessa versão «telegráfica», é sumária e incompletamente narrado o caso burlesco que, na carta ao autor do *Portugal Contemporâneo*, está contado de maneira mais circunstanciada. Segunda observação: o texto composto por Eça para esta missiva é praticamente um conto e com inevitável efeito cómico, dados os termos que o enformam.

Num estilo muito vivo, traduzindo uma ação intensa ocorrida em tempo concentrado, Eça esboça comportamentos de personagens no limite da verosimilhança, a começar pela consulesa, a viscondessa de Faria; é ela que se recusa a conceder a posse do consulado ao novo cônsul, esse mesmo que, em jeito de contista, a descreve, como protagonista da história, numa síntese cruel, mas sugestiva: a viscondessa «é uma espécie de virago, no género *potiche* [jarrão],

---

<sup>16</sup> Várias biografias de Eça de Queirós tratam deste episódio quase sempre insistindo nos pormenores anedóticos que ele envolveu, mas com escassa ou nula alusão aos aspetos de que aqui me ocupo, designadamente no tocante aos efeitos paraliterários do referido episódio e das cartas a que deu lugar (cf. Viana Filho, 1983, pp. 182-183 e 190-192; Magalhães, 1994, pp. 189-204; Mónica, 2001, pp. 242-243; Campos Matos, 2010, p. 116).

<sup>17</sup> Não se percebe bem qual das versões precede a outra. Na carta a Pina diz-se: «Oliveira Martins está prevenido» (Queirós, 2008, p. 582), como se a outra carta já estivesse escrita. Mas nesta, Eça declara: «Contei-as [as cenas extraordinárias] ao Pina em carta redigida em estilo telegráfico» (Queirós, 2008, p. 583). O que importa notar é que as missivas incluem um ponto comum: o pedido aos amigos para que intervessem na imprensa, em favor de Eça e contra o cônsul exonerado, visconde de Faria.

com uma voz grossa e arroucada, e o gesto tremendo» (Queirós, 2008, p. 582). A isto seguem-se cenas dramáticas (no duplo sentido do termo); a mais expressiva delas trata do momento em que a polícia intervém, para tentar ultrapassar a resistência da «medonha criatura» e superar o embaraçoso incidente:

Aí vai pois o Prefeito de Polícia, o *chef* da *Suretê*, e vários *sergents de ville*, a caminho do Consulado, a dar batalha à Viscondessa de Faria, e a retomar a Repartição do Estado ocupada pela cuia e pela *tournure* [comportamento] da terrível senhora. Não sabemos o que entre eles se passou. Apenas é certo que o Prefeito de Polícia voltou de lá de dentro, do Covil, pálido, declarando que se todas as mulheres eram assim em Portugal, Portugal era um país bem extraordinário! (Queirós, 2008, p. 584)

A cena é (insisto) dramática e inclui até um pormenor compositivo de sabor pré-cinematográfico: como se fosse uma câmara colocada no exterior, o ponto de vista externo de quem relata explica o *fade out* que cobre a elipse. Nunca se saberá o que se passou entre o prefeito de Polícia e a «terrível senhora», o que é um estímulo para que a imaginação de quem lê (ou assiste) reconstrua o que terá motivado a palidez da autoridade, depois do encontro com a viscondessa. E também para que se passe a um plano superior de significação, já que a consulesa e o seu comportamento de personagem de ópera bufa, à moda de Offenbach<sup>18</sup>, legitimam uma reflexão mais ampla: aquilo que é contingente conduz ao nível da alegoria.

De forma mais pormenorizada: se aquela mulher e a sua conduta representam Portugal («um país bem extraordinário!», no dizer

---

<sup>18</sup> É Eça quem o sugere: estes incidentes acontecem «só naquele país de farsa que inventou Offenbach, e no nosso!» (Queirós, 2008, p. 584). Aquele país de farsa é certamente o que se encontra na ópera bufa *La Grande-duchesse de Gérolstein* (1867).

do perplexo prefeito de Polícia), então os seus gestos permitem leituras em clave simbólica, sem prejuízo da entoação cômica que atravessa o relato. Já antes do momento a que me referi, o escudo de armas fora arreado<sup>19</sup>; quando ele é repostado, aprofunda-se a dimensão simbólica e alegórica proposta pelo escritor mordazmente atento ao significado profundo das coisas e das pessoas, a partir daqueles gestos melodramáticos. Depois da crise, diz Eça, «o escudo de armas estava (...) pendurado por um cordel das grades de um postigo ao rés-do-chão!» E acrescenta:

Confessa querido que a Viscondessa Faria achou aqui um símbolo profundo e engenhoso! As quinas penduradas por uma guita! O velho escudo real *por um fio!* O emblema de séculos suspenso dum barbante, e arrastando no enxurro de Paris! O que é uma mulher de génio! Andavas tu aí a procurar a fórmula definitiva da nossa situação social, sem conseguir, em 20 anos de literatura, achá-la bem exata e nítida. Pois bem! a Viscondessa de Faria vem, e num rasgo de inspiração acha esta fórmula e realiza-a – as Quinas de Portugal *por um fio!* (Queirós, 2008, p. 584)

7. Perante o que aqui fica, penso que não é preciso argumentar mais. Por isso, sintetizo: a preocupação do cônsul em relação ao embaraçoso caso concreto e às suas dificuldades práticas desvanece-se; sobrevém, então, a voz do escritor conduzido pela imaginação, pelo impulso alegórico e pela capacidade de composição de uma cena no limite do insólito, mas com um potencial simbólico inegável.

---

<sup>19</sup> Isto é revelado a propósito de uma segunda tentativa de ocupação do consulado, pelo vice-cônsul: «O escudo de armas fora arreado, portas trancadas, e através de um guichet como nos melodramas, uma porteira declarou que a Sr<sup>a</sup> Viscondessa de Faria já proibira a entrada aos amanuenses (...)» (Queirós, 2008, p. 583). Parece evidente: o «guichet como nos melodramas» aproxima estes incidentes do domínio da criação literária e teatral – de má qualidade, como é óbvio.

Por fim, é a lógica do conto que se impõe, com a sua brevidade e com a sua concentração de meios, mas também com a sua vocação para transitar do que é pontual e circunstancial, para o campo da significação humana e social. Foi o grande contista Julio Cortázar quem o disse, nos termos insuperáveis com que termino:

El elemento significativo del cuento parecería residir principalmente *en su tema*, en el hecho de escoger un acaecimiento real o fingido que posea esa misteriosa propiedad de irradiar algo más allá de sí mismo, al punto que un vulgar episodio doméstico (...), se convierta en el resumen implacable de una cierta condición humana, o en el símbolo quemante de un orden social o histórico. Un cuento es significativo cuando quiebra sus propios límites con esa explosión de energía espiritual que ilumina bruscamente algo que va mucho más allá de la pequeña y a veces miserable anécdota que cuenta. (Cortázar, 1994, p. 373)

## Referências Bibliográficas

- CAMPOS MATOS, A. (Ed.). (1998). *Cartas de amor de Anna Conover e Mollie Bidwell para José Maria Eça de Queiroz cônsul de Portugal em Havana (1873-1874)*. Assírio & Alvim.
- . (2010). *Vie et œuvre d'Eça de Queiroz*. La Différence.
- COELHO, T. P. (2010). *Londres em Paris: Eça de Queirós e a Imprensa Inglesa*. Edições Colibri.
- CORTÁZAR, J. (1994). Algunos aspectos del cuento. In J. Cortázar, *Obra Crítica/2*. [Edición de Jaime Alazrakil]. Santillana, pp. 367-385..
- DUARTE, M. (1973). *Eça de Queiroz, Cônsul ao serviço da Pátria e da Humanidade*. Sociedade de Expansão Cultural.
- LIMA, A. DE (s.d.). *Eça de Queiroz diplomata*. Portvgalia Editora.
- MAGALHÃES, J. C. DE (1994). *José Maria, a vida privada de um grande escritor*. Bertrand Editora.
- MINÉ, E. (2017). *Alguns homens de meu tempo e outras memórias de Jaime Batalha Reis*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- MÓNICA, M. F. (2001). *Eça de Queirós*. Quetzal Editores.

- PIRES, A. M. B. M. (1980). *A ideia de decadência na Geração de 70*. Instituto Universitário dos Açores.
- QUEIRÓS, E. de (1979). *A Emigração como Força Civilizadora*. [Prefácio de Raul Rego]. Perspectivas & Realidades.
- . (1992). *O Mandarim*. [Edição crítica e introdução de Beatriz Berrini]. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- . (1994). *Correspondência consular*. [Edição de Alan Freeland e tradução de José Moura Carvalho]. Edições Cosmos.
- . (1995). *Textos de Imprensa. VI (da Revista de Portugal)*. [Edição crítica e introdução de Maria Helena Santana]. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- . (2002). *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. [Edição crítica de Elza Miné e Neuma Cavalcante]. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- . (2003). *Contos II*. [Edição crítica de Marie-Hélène Piwnik]. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- . (2005). *Textos de Imprensa V (da Revista Moderna)*. [Edição crítica de Elena Losada Soler]. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- . (2008). *Correspondência*. (Vol. I). [Organização de A. Campos Matos]. Editorial Caminho.
- . (2011). *Almanaques e outros dispersos*. [Edição crítica de Irene Fialho]. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- . (2017). *Os Maias. Episódios da vida romântica*. [Edição crítica de Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha]. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- REGO, R. (1979). Prefácio a QUEIRÓS, E. de (1979). *A Emigração como Força Civilizadora*. [Prefácio de Raul Rego]. Perspectivas & Realidades.
- REIS, B. C. B. (Ed.) (1966). *Eça de Queirós e Jaime Batalba Reis. Cartas e recordações do seu convívio*. Lello & Irmão – Editores.
- REIS, C. (1997). *Eça de Queirós consul de Portugal à Paris. 1888-1900*. Centre Culturel Calouste Gulbenkian.
- . (2002). Os silêncios de Eça. In R. Zilberman *et alii*, *Eça e outros: diálogos com a ficção de Eça de Queirós* (pp. 21-35). EDIPUCRS.
- . (2018). *Dicionário de Estudos Narrativos*. Almedina.
- REIS, C. e MILHEIRO, M. do R. (1989). *A Construção da Narrativa Queirosiana. O Espólio de Eça de Queirós*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- RYAN, M.-L. (2014). Story/Worlds/Media: Tuning the Instruments of a Media-Conscious Narratology. In M.-L. Ryan e J.-N. Thon (Eds.), *Storyworlds across Media: Toward a Media-Conscious Narratology* (pp. 25-49). University of Nebraska Press. DOI: 10.2307/j.ctt1d9nkdg.6
- SILVA, J. P. (1981). *O nosso cônsul em Havana: Eça de Queirós*. A Regra do Jogo.
- SOUSA, A. G. de (2002). *Inglaterra e França n'Os Maias: Idealização e Realidade*. Editorial Caminho.
- VIANA FILHO, L. (1983). *A Vida de Eça de Queiroz*. Lello & Irmão – Editores.

(Página deixada propositadamente em branco)